

# O Home-Cinema Ou as vantagens do Half-Theater

► Eduardo Cabral  
www.audioperformance.com.ar

Na minha última viagem a Buenos Aires, aproveitei – além de ouvir a Segunda de Mahler e “La Bohème” no Teatro Colón, “Carmen” no Teatro Avenida e o show “Anti-Pánico”, da excelente orquestra “Fernandez Fierro”, no “La Trastienda”, para visitar meu amigo Eduardo Cabral e conversar longa e agradavelmente sobre temas trazidos pelo vento ao azar, como costumam ser as boas conversas. Eduardo é quem publica, há vários anos, o site de áudio “Audioperformance” (www.audioperformance.com.ar) e é figura carimbada, antiga e conhecida do ambiente de áudio portenho. De opiniões firmes, uma vez analisadas as alternativas, tem um profundo interesse e conhecimento pela conduta e hábitos dos consumidores de áudio e vídeo e um pé solidamente fincado no chão. Assim, solicitei-lhe que escrevesse um artigo sobre o tema ‘sentido comum em áudio e vídeo quando em ambientes de apartamentos modernos de dimensões não muito amplas, para quem já tem um sistema estéreo que preza’. Verão que o Eduardo é algo iconoclasta, mas, para um grande número de situações habituais, suas observações são certíssimas e destinadas ao alvo certo. Espero que desfrutem e aproveitem.

Victor Mirol  
v.mirol@uol.com.br

Sendo eu um obsessivo, sempre fui inimigo dos meio-termos... ou metades. Eu os queria inteiros.

Porém, com o passar do tempo, descobri o bom uso das metades. Meia dúzia de croissants é algo bom...estar meio bravo às vezes também é bom. Reconciliei-me com as metades.

No entanto, no território do áudio e do vídeo, nunca pude chegar a um compromisso razoável. Gosto das coisas bem feitas. Inteiramente bem feitas.

Também costumam molestar-me as coisas que excedem seu propósito. Você dirá: “que cara chato...” E pode ter razão. Mas deixe-me dizer-lhe: algo que faz mais do que o necessário, costuma ser muito desagradável. Pense, por exemplo, se em lugar da linda ondinha que pediu a este verão para surfar, ganhasse um tsunami...

Sem chegar a casos tão extremos, existe uma categoria completa de coisas que, para fazer algo bem de quando em quando, nos atrapalha a vida cotidiana. Como aquela pasta repleta de absolutamente tudo o que supusemos necessário, que alguma vez carregamos

durante todo o dia, sem que nunca chégássemos a utilizar nem a quarta parte do seu conteúdo, para citar um simples exemplo.

O contrário disso seria o



conhecido método inglês para preparar uma mala de viagem: “coloque sobre a cama toda a roupa e todo o dinheiro que pensa que irá precisar e, a seguir, ponha na mala a metade da roupa e o dobro do dinheiro”. Prático, não? Se a

gente dispõe do dinheiro, claro. Mas, em todo caso, infalível.

Agora, vamos ao nosso. Somos bombardeados diariamente com loas ao “Home-Theater”, em todas suas variantes e nomenclaturas. Vale esclarecer que estas últimas se expressam, normalmente, como um misterioso conjunto de números separados por um ponto. Para quem não sabe – e ninguém é obrigado – os números da esquerda do ponto descrevem a quantidade de canais, enquanto o da direita do ponto indica a presença de um subwoofer (no caso de ser um número um) ou sua ausência (no caso de ser um zero).

Assim sendo, e como parece ser que o já ampuloso **5.1** ficou pequeno para os requisitos marqueteiros de quem tem a função de nos colocar cenouras à frente do nariz, agora temos o **7.1**. Suponho que, por este caminho, em poucos anos estaremos discutindo se **14.1** é melhor que **9.2**. Não é piada: pode ser validamente argumentado que dois subwoofers recriam com maior precisão um cenário sonoro que um só; e sem falar da

pressão acústica que poderiam entregar com baixa distorção!

Pessoalmente, tudo isso me parece um desatino. Por quê?

Veja, muito simplesmente porque, a não ser que se tenha uma sala dedicada ao tema com seu correspondente gasto em equipamento, arquitetura acústica e condicionamento elétrico, isso não é prático. O custo excede em muito seu benefício esporádico.

Entendam bem. Eu amo o cinema e tudo o que ele tem de espetacular e fascinante. Por isso, tudo o que faça com que minha experiência de cinema em casa a ele se assemelhe, será sempre bem-vindo, mas...

Bom, esse “mas...”

A imensa maioria dos “home-theater” costuma ser instalada no living da casa. Isso quer dizer que o equipamento é colocado num recinto que é 60% do tempo sala de estar, 30% do tempo sala de televisão, 9% alguma outra coisa que você, seguramente, saberá (embora eu não tenha a mínima idéia) e apenas um 1% do tempo, se é que chega a 1%, sala de “Home-Theater” (e aí, agora sim em função de tal, com o devido som de helicópteros passando por sobre sua cabeça).

Isso significa que deveríamos voltar a escutar tudo nos dois falantezinhos paupérrimos do nosso televisor?

De modo nenhum. Nem tanto e nem tão pouco.

Recordemos que o melhor é, na maioria das vezes, inimigo do bom.

Para mim, o exato equilíbrio entre prazer e utilidade cotidiana é a metade “frontal” de um “Home-Theater”, o que eu chamaria de um “Home Cinema” (o termo já existe, mas como anda boiando por aí com cara de “livre”, aproprio-me dele e pronto!...). Este “home-cinema” proposto

pode ser, desde um espartano **2.0**, passando por um muito razoável **2.1**, até um ideal **3.1**. Ideal porque os diálogos, em geral, são mais bem ouvidos com um falante central. Mas o limite seria o **3.1**. E pare por aí. Explico o porquê.

Há dois motivos fundamentais:

Em primeiro lugar, evitar ter no living uma quantidade de artefatos antiestéticos que só nos emprestarão sua duvidosa utilidade muito de vez em quando.

Em segundo lugar, não ignorar o óbvio. Se um par de mini-monitores bem colocados e um subwoofer podem reproduzir extraordinariamente bem uma orquestra sinfônica... imagine se alcançarão para reproduzir a banda de som de um filme.

Nesse sentido, **mais** não é, necessariamente, **melhor**, quando a integração de funções é a chave. Temos visto, infinitas vezes, audiófilos recalcitrantes, desses que dispõem de um sistema de áudio cujo preço é capaz de concorrer com êxito com o que você pagou pelo seu automóvel, comprar na tenda da esquina um sisteminha **5.1** com falantes em gabinetes de plástico, desses que se vêm mal e soam pior.

Por quê o fazemos?

Porque, na sua cabeça, o áudio e o vídeo estão separados. Para lograr uma razoável, eficaz e, eventualmente, feliz integração de ambas as atividades, é necessário integrá-las, em primeiro lugar, na nossa cabeça.

Já disse alguma vez em algum artigo, que áudio e vídeo – embora podem ser atividades que compartilhem hardware – são, basicamente, muito diferentes. Seguem sendo, mas o hardware é, cada vez mais, compartilhável. O Hi-Fi tem avançado enormemente nos últimos anos, a ponto de,

quase, relegar o Hi-End ao canto dos maníacos.

Então, qual seria a proposta?

Simplesmente eliminar os falantes posteriores e lograr uma razoável integração entre a cadeia de áudio e a de vídeo. Tudo isso em benefício do uso cotidiano e do sentido comum.

Se sua cadeia de áudio não tem falantes “full-range”, a integração áudio/vídeo é uma excelente desculpa para, finalmente, encarar a tão postergada compra de um subwoofer. Recorde que o subwoofer é o coração do “Home-O-Que-Você-Quiser”.

Se sua cadeia de áudio já é, verdadeiramente, “full-range” e, ademais, excelente, compre um bom monitor de plasma ou LCD e coloque-o entre as caixas principais. Aproveite que o volumoso, e agora ausente, tubo de raios catódicos já não pode estragar seu prezado “sound-stage”. A tela plana contra a parede prejudica pouco, em termos de reflexão sonora indesejada, quando comparada com a própria parede.

Além disso, dê uma agradável surpresa à sua mulher. Não mais cabos para se esquivar ou esconder em volta ou embaixo dos sofás do living. Chega de falantezinhos duvidosos sobre instáveis suportes de “palitinhos” ou, o que é ainda pior, jogados pelo chão e, quase sempre, colocados em lugares acusticamente indevidos – ou inexistentes. Veja bem, escute bem e termine com todas essas coisas feias espalhadas pela sala estragando a decoração. Você ama ver seu living bonito, pagou um bom preço por ele e tem todo o direito do mundo de desfrutá-lo...

Ah! Perceberá que o helicóptero não mais passará exatamente sobre a sua cabeça... Mas fará, sem dúvida, um barulho bem mais crível... ■